

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional**  
**Curso de Psicologia**



Trabalho de Conclusão de Curso

**O Papel Da Motivação Na Relação Professor-Aluno No Contexto De  
Aprendizagem De Uma Segunda Língua**

**Guilherme Kenichi Almeida Yokobatake**

**Pelotas, 2019**

**Guilherme Kenichi Almeida Yokobatake**

**O PAPEL DA MOTIVAÇÃO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO CONTEXTO  
DE APRENDIZAGEM DE UMA SEGUNDA LÍNGUA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Psicologia  
da Universidade Federal de Pelotas,  
como requisito parcial à obtenção do  
grau de Bacharel em Psicologia

**Orientadora: Laís Vargas Ramm**

**Pelotas, 2019**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

Y54p Yokobatake, Guilherme Kenichi Almeida

O papel da motivação na relação professor-aluno no contexto de aprendizagem de uma segunda língua / Guilherme Kenichi Almeida Yokobatake ; Laís Vargas Ramm, orientadora. — Pelotas, 2019.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Psicologia. 2. Motivação. 3. Aprendizagem. 4. Segunda língua. 5. Teoria sociocultural. I. Ramm, Laís Vargas, orient. II. Título.

CDD : 150

Guilherme Kenichi Almeida Yokobatake

**O Papel Da Motivação Na Relação Professor-Aluno No Contexto De  
Aprendizagem De Uma Segunda Língua**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Curso de Psicologia, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 17 de julho de 2019

Banca Examinadora:

---

Me. Laís Vargas Ramm (Orientadora)  
Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Teresa Duarte Nogueira  
Doutora em Veterinária pela Universidade Federal de Pelotas

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marta Solange Streicher Janelli da Silva  
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas

## Agradecimentos

Primeiramente gostaria de começar falando a importância da aprendizagem para todos, sendo crianças, jovens, adultos ou jovens de idade avançada. A prática de aprender e evoluir com seus erros nunca deve ser removida da sua vida. Nunca é tarde para aprender.

Gostaria de agradecer minha família, pelo apoio que me deram. Meus pais, que se esforçaram e deram o possível para eu chegar onde cheguei:

Meu pai pelo esforço que teve para me colocar em uma escola de qualidade, dar suporte para todos os meus surtos criativos. Por fazer eu repetir todas as vezes as fitas de animação *Magic English* desde meus 7 anos de idade para aprender inglês e estar comigo todas as horas que eu ocupava a única televisão da casa para assistir tais desenhos. Ver meu pai em todas as adversidades que ele superou, todos os empregos que ele teve, todas as vitórias e fracassos que ele teve, todos nós caímos, vi a força de se levantar todas as vezes. Por causa de tudo isso, você é a pessoa que é. Hoje eu vejo todo o esforço que você teve e toda sua caminhada e tenho orgulho.

Minha mãe. Por tudo. Por aguentar uma criança diferente das outras que ela teve. Enquanto dois brigavam, eu ficava quieto. Enquanto dois olhavam nos olhos dos pais desafiando-os, eu acatava. Enquanto dois eram populares na escola, eu era o excluído. Filhos de idades diferentes, criações diferentes e dentre todas essas diferenças, ela sempre teve o seu jeito de lidar com as situações e foi aprendendo comigo a como navegar essa vida. Criando um ambiente seguro ela fazia, não só seus filhos como todas as primas e amigos, se abrirem com ela. Por me suportar na fase adolescente enquanto eu formava uma banda para cantar metal e precisava comprar os equipamentos e por nunca me desestimular de tais coisas. A influência que ela teve em todas as pessoas ao redor dela é impressionante e admirável.

Aos meus amigos que é a família que a gente escolhe. Não tenho como pôr em palavras todo o apoio que tive nesse período. Tanto amigos que estão longe quanto os que estão perto são valiosos para esse percurso.

Agradeço a Andrea e Larissa, amigas desde o nosso primeiro dia no curso de psicologia. Em tantas vezes vocês me apoiaram como puderam, em nosso setting automobilístico rindo, chorando, se revoltando e fazendo importantes conclusões.

E um agradecimento em especial a Mariana, por me aguentar desde nossas aventuras em Minas Gerais, a uma evolução de personalidade e caráter de ambos. Por aguentar os dramas desnecessários (ou de extrema importância). Ao me ajudar durante todo esse processo, a explosão e reorganização desse caos que chamo de vida. Muito obrigado por estar aqui desde o primeiro momento, você é um exemplo a ser seguido. Nunca se esqueça disso.

E por último, agradeço minha orientadora Laís por me apoiar a fazer esse trabalho como ninguém apoiou, pelo suporte, pelas orientações, pelas conversas que tivemos me motivando e por estar presente nesse momento especial.

**Você não pode fazer isso! Não é da sua área.**

Achei muito legal esse trabalho!

**Sabe o que você poderia fazer?  
Eu também não sei (o que você faz aqui)**

Nossa Gui, isso é tão sua cara

Tem certeza que esse curso é pra você?

Tu parecias tão sozinho que resolvi vir aqui

Não sei se essa área é pra você

Tu sabes que qualquer coisa você pode avisar  
que a gente ajuda como puder

Ai gente, não liga,  
eles não sabem sobre aprendizagem

Não sei sobre esse assunto,  
pode me explicar?

Você viu, até o pessoal que  
não é da área tá participando

Eu posso preparar comida  
enquanto tu faz o TCC

Mas você sabe a teoria disso?  
Me cita Vygotsky então! Viu, não sabe

Eu tenho um livro pra te ajudar

É sério que você vai falar isso?

Vamos assistir um filme pra tu distrair  
e depois as ideias fluem melhor

Por que você não desiste do TCC só por agora?  
Não tenha vergonha em desistir

**Tu é um pouco preguiçoso porém  
dono de uma inteligência invejável e criativa**

Tu não ias conseguir mesmo

**Eu to aqui quando tu precisar de mim, tá?**

---

*Fly high reaching skies  
Two eagles flying to be free  
Moments of madness will be left behind  
The same horizons but in different lands*

Reaching Horizons - Angra

## RESUMO:

Essa pesquisa procura responder qual o papel da motivação no relacionamento entre professor e aluno para melhorar o aproveitamento da aprendizagem da segunda língua, discutindo o conceito de motivação a partir da Teoria sociocultural de Vygotsky. Para isso foi utilizado uma análise de outros artigos que continham combinadas as palavras chaves “motivação”, “segunda língua” e “teoria sociocultural”, constituindo uma revisão narrativa. Os resultados foram filtrados de maneira que se relacionavam com o tema proposto. O relacionamento entre Teoria Sociocultural, motivação e aquisição da segunda língua necessita mais pesquisa pois há poucos artigos que utilizam esse tripé. Conclui-se a motivação é uma ferramenta mediadora que estimula o estudante a utilizar outras ferramentas que ele possui em sua mente.

Palavras chaves: motivação, aprendizagem, segunda língua, teoria sociocultural.

---

## ABSTRACT:

This research intends to answer what is the role of motivation in the teacher-student relationship to improve the learning of the second language, considering the concept of motivation from the perspective of Vygotsky's Sociocultural Theory. To that intent, it was analyzed other articles which contained the keywords “motivation”, “second language” and “sociocultural theory” making it a narrative revision. The relation between the Sociocultural theory, motivation and second language acquisition requires more research due to the few articles which used that triad. The author concludes that motivation is a tool of mediation which stimulates the student of using other tools the student has in their mind.

Keywords: motivation, learning, second language, sociocultural theory

---

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>A MOTIVAÇÃO MEDIANDO A APRENDIZAGEM</b>	<b>10</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>22</b>

## INTRODUÇÃO

“A aprendizagem é uma troca de informação”. Era isso que eu pensava no começo de minha experiência como professor de língua inglesa, há 8 anos. Entrava na sala de aula com o pensamento de que como eu tinha um maior conhecimento sobre o tópico em questão, a segunda língua, era o meu trabalho passar tal informação para os meus alunos, como uma hierarquia. A partir desse pensamento comecei a dar aulas.

Nas minhas primeiras aulas, o primeiro obstáculo veio de encontro com o pensamento inicial. A informação como eu a percebia, era diferente de como os alunos percebiam. Talvez fosse a minha fala, a minha habilidade ainda não aprimorada de explicar o conteúdo ou a não “dominação” do conteúdo em si. Muitos alunos paravam de ir às aulas. Uma turma de dez alunos, com o passar do tempo caía para nove, depois oito, logo após seis, que era o número médio em que a turma se estabilizava e seguia até o término do curso.

Achando isso intrigante, resolvi perguntar para uma das alunas que havia saído de uma dessas turmas, já que ela também era uma boa colega minha e estudávamos juntos na universidade, da qual eventualmente ela também desistiu. Ela disse que não estava com tempo hábil para continuar o curso, por mais que ela gostasse das minhas aulas, tinha que cuidar da casa, das filhas e priorizar o trabalho dela, então, no momento não continuaria. Esse depoimento me deixou curioso para saber o que os outros alunos também pensavam, assim, quando eu encontrava outros ex-alunos, perguntava também o motivo de desistência do curso já que eles estavam fora do contexto escolar e não era um telefonema feito pela recepcionista ligada à escola, eles me falavam com mais naturalidade. Contavam-me sobre problemas financeiros, desmotivação com a escola, priorizando o trabalho ou família sobre a educação própria.

Com esses pensamentos em mente, resolvi percorrer o caminho contrário, ao invés de perguntar aos ex-alunos sobre os motivos deles saírem, perguntei aos alunos que estavam ingressando e também aos que já estavam matriculados, quais eram os porquês de eles estarem cursando o idioma escolhido. As respostas eram as mais variadas, sendo por causa do trabalho, viagens, curiosidade, currículo, gosto ou mesmo “porque é necessário”, não sabendo qual a necessidade em si.

Contudo, com todas as respostas dadas a essa curiosidade ao meu alcance, eu fiquei mais confuso. Podem ter inúmeras razões para aprender uma língua, eu não sabia que eram tantas.

O principal conhecimento que absorvi de todas as respostas era querer responder à pergunta de qual o papel da motivação na relação de ensino-aprendizagem de forma que possa qualificar esse processo. Assim as aulas poderiam ser mais adequadas às preferências dos alunos, tendo um maior aproveitamento e uma melhora na relação professor-aluno. E compreender como o aluno pode participar da aula se beneficiando dessa relação tanto quanto o professor.

Essa narrativa teve como objetivo situar a emergência do problema a partir da minha própria experiência como professor e a convivência com outros colegas da área que enfrentam situações semelhantes. Imbuído dessa questão, passo a discutir o conceito de motivação.

De acordo com Serra (2019), a motivação é dividida em duas partes: a interna e a externa. A motivação interna surge da necessidade individual que a mente expressa e é dependente de seu objetivo. Já a motivação externa depende de um fator externo, uma razão que possibilita o cumprimento do objetivo, satisfazendo a vontade do indivíduo (motivação interna). Corroborando com o pensamento de Serra, Todorov em 2005, detalhou várias vertentes e explicações sobre motivação e como cada pesquisador a via. Ele escreve:

Ao fazer um apanhado dos exemplos utilizados para falar de motivação, poderemos ver que os conceitos motivacionais são usados para explicar:

1. como certos comportamentos, em determinadas condições, invariavelmente ocorrem depois de certas alterações no meio ambiente;
2. como certas alterações no ambiente, em determinadas condições, são seguidas por certos comportamentos e não por outros possíveis;

(Todorov, p. 128).

Podemos ver pela citação de Todorov que, os objetivos de uma pessoa são influenciados pelo ambiente que lhe cerca. O contrário também é visto, quando nos motivamos a fazer uma ação, nós também estamos mudando nosso ambiente, estabelecendo assim uma relação entre as duas motivações. As motivações interna e

externa se atravessam para estabelecerem o real objetivo do indivíduo. Dentre os conceitos de motivação discutidos por Todorov (2005), identificamos que diversas produções da psicologia acerca do tema estabelecem uma relação entre desejo e necessidade que permite a ação, como sendo característica da motivação. Essa intersecção corrobora com a ideia de não estabelecer uma dicotomia entre os fatores internos e externos que se referem à motivação, mas reconhecer que se trata de ambos, uma vez que fatores ambientais podem produzir necessidades objetivas na vida dos estudantes, ao mesmo tempo em que o desejo singular dos estudantes, que também compõe as possibilidades de ação, não se produz separadamente dessas necessidades.

A seguir serão desenvolvidos os conceitos fundamentais da teoria sociocultural usados para a elaboração do estudo. A partir dessa discussão teórica serão apresentados resultados abordando-os segundo os conceitos da psicologia sociocultural e, por fim, a conclusão do artigo.

Os resultados foram obtidos a partir de pesquisa bibliográfica (GIL, 2002) sobre a motivação para aprendizagem em segunda língua, realizada principalmente nas bases de dados digitais *Scielo* e *Google Scholar*. A metodologia utilizada foi a revisão narrativa de literatura, que foca em discutir e desenvolver um assunto sob o ponto de vista teórico ou contextual (ROTHER, 2007), visando os textos que mais integram a motivação para o aprendizado de uma segunda língua com a teoria sociocultural. Foram selecionados artigos que estão associados às palavras-chave “motivação”, “segunda língua” e “teoria sociocultural”. As palavras-chave foram utilizadas simultaneamente, fazendo um cruzamento das ideias.

## **A MOTIVAÇÃO MEDIANDO A APRENDIZAGEM**

A Teoria Sócio Cultural (TSC), tem suas origens com o psicólogo russo L. S. Vygostsky que viu sua necessidade devido ao que ele chamou de “crise na psicologia” (LANTOLF, 2009). Naquele tempo, o estudo da psicologia não era separado em várias áreas, havia duas grandes áreas: A primeira identificada seguia os preceitos da ciência natural, investigando e focando suas pesquisas nos estudos da psicologia ligada aos processos biológicos fundamentais, conectando o ser humano com os outros animais

que possuem processos semelhantes, como por exemplo memória, atenção e resposta involuntária a estímulos externos. A segunda área investigava a psiquê como processo psicológico, enfatizando uma aproximação mais descritiva e entendimento da atividade mental do indivíduo. Vygotsky (1987) descrevia essa área com o foco na capacidade de processo psíquico alto, como a capacidade de decisão, solução de problemas, memória e atenção, racionalização e pensamento racional.

Vygotsky tentou estabelecer uma teoria que unificava as duas grandes áreas, e durante suas tentativas falhas, ele percebeu que para que tal união acontecesse, ele teria que criar uma teoria com uma perspectiva nova. Ele reconhecia que a mente humana era composta de uma base neurológica de baixo nível, mas a distinção da consciência humana era a capacidade de controle voluntário de suas ações para superar sua capacidade biológica. Exemplos de execução dessa teoria eram o uso da língua para comunicação, uso da lógica, racionalidade e categorização como ferramentas para atingir o objetivo, superando sua capacidade biológica. Essas ferramentas servem de intermediários entre a pessoa e o ambiente, agindo como um mediador entre as relações entre o indivíduo e o mundo material-social (LANTOLF, 2009).

A TSC discute sobre os funcionamentos da mentalidade humana no que se diz respeito à aprendizagem e como é um processo mediativo que utiliza de artefatos culturais, conceitos e atividades. Desse modo, indivíduos conseguem compreender e utilizar o ambiente e ferramentas para criar ou comunicar, regulando seu comportamento.

Lantolf (2009) complementa que para interagir com seu ambiente, precisamos utilizar as ferramentas que temos, o uso da língua, organização e estruturação são as formas primárias de mediação. Portanto, o processo de desenvolvimento é feito através de participação cultural, linguística e parâmetros históricos como ambiente familiar, ambiente escolar ou de lazer. Salienta-se que umas das formas mais importantes do desenvolvimento cognitivo é a interação entre os ambientes sociais e materiais.

Podemos entender a mediação como uma relação entre os seres humanos e o mundo físico em que vivemos, utilizando ferramentas físicas para interagirmos e aprendermos para termos uma interação plena. Essas ferramentas servem para mudarmos o mundo de um jeito que nossos corpos sozinhos não têm a capacidade. Uma experiência comum seria o ato de cavar um buraco, poderíamos usar nossas mãos como

instrumentos para cavar, mas demoraríamos um tempo grande comparando quando usamos uma pá para o mesmo objetivo. A pá serve como objeto mediador para a execução da tarefa em questão (Lantolf, 2009).

A mediação não é somente quando utilizamos algum instrumento físico, também temos a capacidade de utilizar o que Vygotsky (1995) chama de signos. Enquanto os objetos são instrumentos externos ao indivíduo, os signos são instrumentos que agem na pessoa internamente, como por exemplo a língua, a escrita e outros mediadores que o ser humano criou. Essas ferramentas simbólicas (signos) servem de mediadores para o controle e reorganização do processo psicológico. Lantolf (2009) complementa a ideia de Vygotsky dizendo que a língua é o signo mais forte (dentre vários como música, arte, mapas, gráficos e números) que usamos para mediar nossa atividade mental e social.

Um dos processos que a mediação utiliza é a internalização, que ocorre quando algum signo é tomado como função psicológica. Ela é um dos processos mais importantes, juntamente com a mediação para a Teoria Sócio Cultural. A internalização, assim como as outras funções psicológicas, de acordo com Vygotsky (1987) aparece duas vezes, a primeira entre indivíduos no plano interpsicológico e em seguida dentro do indivíduo em questão, no plano intrapsicológico.

A capacidade do ser humano de imitar as atividades de outros humanos é uma das técnicas-chave para a internalização. O desenvolvimento baseado na colaboração e imitação é a fonte de toda as características humanas de consciência que se desenvolve em uma criança, e a imitação é a fonte de influência de instruções no desenvolvimento (Vygotsky, 1987). O estudante, utilizando das ferramentas ainda não totalmente desenvolvidas independentemente, necessita de ajuda para utilizá-las e a imitação é um dos instrumentos através dos quais atua.

Esse movimento de saber em constituição, ainda não desenvolvido independentemente, é chamado de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que é um conceito amplamente estudado nas obras de Vygotsky, compreendido como o espaço entre as Zonas de Desenvolvimento Real (ZDR) e de Desenvolvimento Potencial. A primeira é um conjunto de habilidades, competências e instrumentos já adquiridos e internalizados através das relações com o meio e com a cultura, de modo que o indivíduo possui autonomia para realização de tarefas. A segunda é o conjunto de instrumentos

que o indivíduo desenvolveu juntamente com os instrumentos utilizados e internalizados na ZDR, porém ainda não há uma habilidade plena de utilização, sendo comum que as tarefas inseridas em tal zona sejam facilmente resolvidas com pequenas mediações.

Em outras palavras, a ZDP “é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas” (VYGOTSKY, 1989, p.97). Ou seja, as ferramentas que já possui e que já sabe utilizar sozinho “e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (idem).

Aplicando tais conceitos em ambientes educativos nos quais se aprendem uma segunda língua, é possível observar que o ambiente social e as intervenções mediadas por um professor ou instrutor estão implicadas na ZDP. Esse interventor instiga os alunos, provocando-os a pensar sobre os aspectos culturais, nos quais a língua é falada. Neste momento, ao ouvirem uma solicitação feita na segunda língua, os estudantes utilizam as ferramentas que já possuem para identificar a atividade e o movimento que o professor está propondo, tendo em vista a sua resolução. Na medida que um aluno compreende o que é proposto e consegue resolver, a sensação de satisfação é aumentada, fazendo com que sua motivação se fortaleça. Com isso, também nos outros alunos, aumenta-se o desejo de resolução da atividade e, contando com a experiência de satisfação do primeiro aluno, que ajuda os demais a partir do caminho percorrido. Nesse caso, o professor atua como mediador da atividade e guia os estudantes adentro da ZDP. Na medida em que o estudante que alcançou o objetivo refaz o seu percurso guiando seus colegas, internaliza as ferramentas utilizadas que deixam de fazer parte de seu potencial e passam a integrar a ZDR. Nesse processo ocorre também o movimento dos demais estudantes que antes não acessavam tal nível de desenvolvimento, mas com a mediação do colega que está, em alguma medida, imitando o professor, realizam a tarefa com a ajuda, caracterizando assim que tal habilidade passa a integrar sua ZDP.

O fenômeno apresentado acima aproxima-se dos experimentos realizados com um grupo de crianças por Vygotsky (1989, p. 101):

o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança

O desenvolvimento ocorre quando há uma interação entre os processos internos e externos. Uma vez mediados pelo professor, os estudantes também se tornam mediadores para o restante da turma que ainda não cumpriu a tarefa. Com a possibilidade de ser mediador, o aluno então utiliza as ferramentas nele consolidadas, passando tais instrumentos da ZDP para ZDR.

Lantolf (2009) aponta que a ZDP pode ser utilizada como parte de um método avaliativo que leva em consideração o nível alcançado até o momento e o potencial que há no indivíduo. Dessa forma, há o sentimento de atingir um objetivo menor, ou uma espécie de sub objetivo, fazendo com que o desejo de alcançar o objetivo principal fique mais fortalecido. Está implícito que existe uma relação temporal gradativa no processo de aprendizagem e que os tempos vão se sucedendo em progressão, desta forma, “O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente” (VYGOTSKY, 1989, p. 97.)

O desejar é uma ferramenta que mobiliza outras ferramentas, ou seja, dentro do processo de aprendizagem, o desejo opera como um importante fator mediacional agindo tanto internamente quanto externamente. Retomando a situação de aprendizagem relatada acima, como discutido anteriormente, necessidade e desejo são componentes da motivação, sendo os principais instrumentos para ação. O desejo era completar a atividade proposta pelo professor, e com o progresso de um, que é um fator interno para si e um fator externo para os demais, aumentava-se a necessidade de resolução da turma. Ou seja: o desejo individual aumenta em função de um fator externo.

Motivação em aprendizagem de uma segunda língua configura-se como um fator chave na internalização agindo como mediadora entre os outros fatores, sendo eles internos ou externos e, sendo parte de ambos, contribui para que o estudante faça a

utilização dos instrumentos que possui para ampliar seu conhecimento no tema estudado com autonomia. Dito de outra forma, a motivação auxilia no avanço dos estudantes dentro da ZDP utilizando as ferramentas desenvolvidas a partir de de seus próprios desejos e necessidades, na interação com o ambiente. Paralelamente, o professor atua como mediador, levando em consideração as ferramentas e o nível de desenvolvimento que o aluno possui.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A coleta de dados através de bases indexadoras se deu por busca simultânea das seguintes palavras chaves: motivação, segunda língua e teoria sociocultural. Utilizamos a proximidade com o tema aprendizagem de língua estrangeira como critério de inclusão.

Na base de dados Scielo, não foram encontrados resultados quando cruzados os três termos, e excluindo o termo “teoria sociocultural” apresenta-se cinco artigos, sendo que quatro não foram selecionados para a análise por não apresentarem relação com o tema. No Google Scholar, a mesma pesquisa apresenta 408 resultados, tornando-se inviável analisar a quantidade de dados obtidos. Foram selecionados artigos que se encaixavam nos critérios e que estavam dentre os primeiros 30 resultados. Desta forma selecionamos 5 artigos analisados qualitativamente a seguir.

Na pesquisa publicada por Figueiredo (2003, p.188-9), aponta-se que:

as estratégias de comunicação utilizadas pelos aprendizes na formação de seu discurso funcionam como instrumento de mediação entre o seu desejo de comunicar e seu repertório linguístico, num processo em que, muitas vezes, eles se deparam com os eventuais problemas comunicativos provenientes do não-conhecimentos de algumas formas de L2.

Podemos perceber que a pesquisadora consegue relacionar colaboração, mediação e desejo, sendo este último mencionado, mas ainda sem operar com o conceito de motivação. A autora conclui que o desejo de se comunicar, aliado ao conhecimento adquirido do estudante até o momento são mediados pelos instrumentos de comunicação para formação de um discurso quando precisam utilizar de uma comunicação verbal.

Figueiredo (2003) também propõe que as interações entre colegas de turma têm um maior efeito para que eles entrem na zona de desenvolvimento Proximal. Durante a aula podemos então contar com a ajuda de alunos que estão em níveis mais avançados na segunda língua, ou seja, que possuem mais ferramentas internalizadas na ZDR. Assim, os estudantes que estão em níveis mais básicos podem adquirir e internalizar as ferramentas que estão em desenvolvimento, obtendo um maior conhecimento do que uma interação somente com o professor.

A interação aluno-aluno é importante, porém, em minha experiência, muitas vezes esta não é algo espontâneo. Comumente, quando há tempo para os alunos interagirem livremente durante a aula, tais interações são feitas em sua língua nativa, cabendo ao professor mediar tal experiência através de exercícios de fala, questionários para serem executados ou objetivos para serem cumpridos. Neste momento, o professor pode utilizar-se da motivação dos alunos para recordar qual o objetivo maior, fazendo com que os intervalos sejam preenchidos com conversas livres na segunda língua para que eles adquiram uma maior naturalidade, internalizando mais ferramentas de conhecimento.

As autoras Kraviski e Bergmann (2006) utilizam do conceito de interculturalidade aliado aos desejos do aluno para estudar a segunda língua. Elas apresentam conceitos e características que um professor deve possuir para ser considerado um bom professor intercultural. Dentre várias, elas comentam que: o professor deve ser um mediador entre as experiências e desejos dos alunos e a cultura em que a segunda língua está inserida; o professor deve estar informado sobre a história e cultura da língua relacionando com a cultura da língua onde o aluno está inserido. As autoras então utilizam da interferência do ambiente na aprendizagem, e apontam que o professor é um mediador, embora utilizando um referencial teórico diferente de Vygotsky. Assim, não utilizando dos mesmos conceitos trabalhados neste artigo.

Em Wong (2010), um estudo feito em Hong Kong cujo embasamento teórico adotado parte da perspectiva comportamental, utilizando comportamentos isoláveis categorizando-os em motivações internas ou externas, não relacionando entre si tais comportamentos para a aprendizagem da segunda língua. Ele exemplifica que para ensinar meninos, poderia se utilizar mais exemplos como carreira de trabalho, enquanto para meninas poderia se utilizar exemplos como música e poemas. Utilizar de

comportamentos isolados para ensinar pode ser prejudicial à aprendizagem pois o professor torna-se refém de tais aspectos. Assim há uma unilateralidade e desvinculação de valores éticos e culturais, que é o oposto que a teoria sociocultural, que se ancora no materialismo histórico, propõe.

Farias (2011) discute a importância da motivação na aprendizagem de segunda língua em seu artigo e assegura que ela é relevante pois é o que leva o estudante a se movimentar e buscar tal conhecimento. No estudo em questão foi identificado que os alunos buscavam a aprendizagem de uma segunda língua em função do turismo que movimenta a cidade de Cabaceiras (PB). O autor também relata que reconhecer os fatores que motivam os estudantes é uma ferramenta importante para o professor, sendo benéfico para a aprendizagem, pois ela pode ser a mediação entre a relação professor-estudante e para o estudante pois relaciona-se com esses motivos de uma forma afetiva. A não consideração da motivação pode ser um fator prejudicial à aprendizagem do estudante, gerando dificuldades para a internalização da língua.

Ferreira et al (2014) utilizam da teoria sociocultural como base para seu estudo sobre análise de jogos *Massive Multiplayer Online* (multijogadores online massivos, em tradução livre) e observam que estes são uma ferramenta útil para desenvolvimento da segunda língua pois incentiva os participantes a se comunicar e expressar decisões na segunda língua de uma forma mais anônima. Desse modo as interações são mais confortáveis para os indivíduos, não havendo a inibição da fala que poderia caracterizar a interação presencial. Com o ambiente virtual, os estudantes se engajam mais com o cumprimento do objetivo e se motivam.

A motivação no artigo (FERREIRA et al, 2014) fica em segundo plano, sendo mencionada somente uma vez e não como fator chave para a aprendizagem. Pensando na contribuição do referido estudo, o conceito de ZDP é interessante ser retomado, uma vez que, como discutimos anteriormente, ele permite deslocar o foco do objetivo total para tarefas menores a serem realizadas a cada momento, de acordo com as possibilidades atuais do aprendiz. Nos jogos isto se dá de forma semelhante, através das chamadas missões. Trata-se de um exemplo interessante para pensar o papel do desejo, que se mantém presente, preservando a motivação e permitindo as ações que produzem aprendizado.

Podemos constatar a relevância e originalidade do cruzamento das ideias de mediação e motivação na aprendizagem de segunda língua dentro dos estudos socioculturais, conforme propomos aqui. A motivação pode ser vista como uma ferramenta mediadora para o acesso a outras ferramentas que o estudante pode utilizar de forma independente. Tendo em vista os estudos analisados, em nenhum caso foram encontrados todos os três temas correlacionados.

Os artigos em questão utilizam-se de conceitos, muitas vezes descontextualizados, que operam cortes e isolam fatores. Do mesmo modo, nos resultados, os autores citam os pontos encontrados sem relacioná-los entre si, não retomando os conceitos que embasam os estudos na discussão dos resultados. O isolamento dos fatores motivacionais pode comprometer a leitura e compreensão de tais estudos, criando relações causa-efeito que não correspondem à complexidade sociocultural da aprendizagem. Corroboramos assim com as ideias de Vygotsky (2001, p.151):

Só uma teoria histórica do discurso interior poderá tratar cabalmente este complexo e imenso problema. A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra vazia de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento despido de palavras permanece uma sombra. A conexão entre ambos não é, no entanto, algo de constante e já formado: emerge no decurso do desenvolvimento e modifica-se também ela própria.

Faltam aos estudos condições teórico-metodológicas para compreender com rigor a centralidade do conceito de motivação, este sempre sendo mencionado mesmo que utilizando de termos diversos, mas não sendo evidenciado nos resultados. Uma vez que uma palavra é isolada, ela perde seu conceito, porém quando ela é inserida em seu contexto, ela adquire um significado. O mesmo pode ser dito com fatores motivacionais, uma vez que eles são colocados em evidência, mas sem um contexto, eles deixam de ter o significado que teriam quando estão em seu ambiente, sendo estes desejos internos ou necessidades externas do aluno em questão.

Retomando nossa linha de pensamento, a motivação se relaciona com a necessidade e desejo de um indivíduo em relação entre si e seu meio, assim como diz Vygotsky (2001, p. 149):

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, pelos nossos desejos e necessidades, os nossos interesses e emoções. Por detrás de todos os pensamentos há uma tendência volitiva-afetiva, que detém a resposta ao derradeiro porquê da análise do pensamento.

Assim, Vygotsky não utiliza de barreiras para tratar de componentes afetivos e cognitivos, sendo que eles se constituem mutuamente para a produção de conhecimento. Na experiência docente, pode-se ver claramente essa relação, o professor que consegue relacionar o fator externo do aluno, como a necessidade de aprender por causa do trabalho ou para poder viajar, com a vontade de aprender, o aluno que se sente mais confortável em suas aulas, produz mais e assim internaliza melhor o conhecimento.

É neste sentido que a teoria sociocultural compreende a realidade, tendo em vista o meio em que o indivíduo está inserido e como ele utiliza os instrumentos que nele estão internalizados, encontrados em sua ZDR. Não podemos esquecer que esses instrumentos estão em permanente relação entre si e com o meio, além de estarem em constante movimento, pois “aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã” (VYGOTSKY, 1989, p. 98), assim sendo não podem ser isoladas.

Wong (2010) fez um isolamento de características e não as relacionou em seus resultados. Em um contexto sociocultural, devemos sempre relacionar tais fatores, pois através dessa compreensão conseguimos um relacionamento melhor com os alunos. Características isoladas são partes do indivíduo assim como o indivíduo faz parte da sociedade onde ele está inserido. Com isso, há grandes atravessamentos em um indivíduo, sua constituição histórica, suas vivências e como ele percebe a sua experiência. Ao utilizar suas ferramentas internalizadas, o estudante consegue obter mais aprendizados. Assim, se seguirmos a conclusão dada por este autor, os alunos somente desenvolveriam as habilidades que neles fossem alimentadas, não fornecendo uma variedade de ferramentas e se prendendo na dicotomia entre características de meninos e de meninas.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou responder a pergunta “qual o papel da motivação na relação de ensino-aprendizagem de uma segunda língua de forma que possa qualificar esse processo?”. Durante todo o processo de pesquisa, percebi que poucos estudos tratam do assunto de motivação, definindo-a e utilizando seu conceito de forma isolada. Tais pesquisas também identificavam os fatores motivacionais dos indivíduos que queriam aprender uma segunda língua de uma forma dura, como se eles fossem imutáveis e constantes. Esta leitura estática dos fatores motivacionais limita a mediação do professor na produção de motivação como se ela não pudesse ser transformada no decorrer das aulas.

A motivação como foi definida anteriormente é uma relação entre o desejo e a necessidade de um indivíduo e tais fatores são movidos tanto por vontades internas quanto por variações do ambiente. Uma vez que o aluno está inserido no ambiente, o desejo que há em seu mundo interno pode agir no ambiente, alterando-o, assim como as alterações no ambiente podem alterar os desejos internos de um estudante.

Em minhas experiências em sala de aula, pude ver essa variação muitas vezes. No início das aulas, os alunos dizem suas motivações como carreira de trabalho, melhora de currículo, simplesmente porque gostam ou mesmo, quando são menores de idade, porque os pais querem. No decorrer do período de aulas, tais motivações mudam. Isso pode acontecer, por exemplo, porque pode aparecer uma viagem que estava sendo planejada e que finalmente irá se concretizar e para isso é necessário melhorar a segunda língua. Ou ainda, o aluno começa a gostar das aulas e vem por causa do ambiente que ali foi estabelecido, situação que deixa evidente o papel da mediação na produção e transformação da motivação, ao mesmo tempo em que ela também é mediadora do processo de aprendizagem.

Nós estamos sempre ligados ao ambiente e ligados a nossas emoções, por isso os alunos respondem positivamente quando há um professor com quem podem estabelecer um vínculo e sentirem-se confortáveis para desenvolver a língua. Estando em um ambiente seguro, eles sentem confiança em poder errar sem serem julgados. Uma vez que os erros que hoje são cometidos dentro do ambiente favorável e vistos

como parte do processo de aprendizagem, são corrigidos e o conhecimento é adquirido, abrindo outras portas para que mais descobertas sejam feitas. Assim como é apontado com o conceito de ZDP, o conhecimento daquilo que é realizado com ajuda hoje, amanhã será o conhecimento adquirido e usado independentemente.

Para que o conhecimento seja usado de forma independente, primeiro o professor precisa mediar tais ações e ajudar o aluno a usar as ferramentas, ou signos, que ele possui para internalizar o que foi aprendido. Para que isso aconteça, o professor, junto com o aluno, pode estabelecer pequenos objetivos, de modo que o desejo de atingir o objetivo de aprendizado da língua se mantenha atuante, com o intuito de passo-a-passo, construir um caminho para o aluno poder trilhar independentemente. Isso só pode ser feito quando se alinha o desejo do aluno com a necessidade do mesmo.

Dados os resultados e análises, aponta-se a relação entre motivação e aprendizagem de uma segunda língua como uma ferramenta mediadora para acessar outros signos e ativar a aprendizagem da segunda língua de forma mais efetiva para o aluno. Também se assinala a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas neste recorte entre a teoria sociocultural, a motivação e a aprendizagem de uma segunda língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARIAS, R. A. **Motivação na aprendizagem de língua inglesa: estudo de caso na zona rural de cabaceiras/PB.** Fronteira digital, ano II, nº 4, p.57 - 82, Ago - Dez 2011.

FERREIRA, F. T.; FIGUEIRA, P. R.; KADRI, A. E.; KADRI, M. S. E. **Videogames, gamification e ensino de línguas no PIBID: teoria e prática.** II Seminário Estadual do PIBID do Paraná, PR, p. 2556 - 2561, 2014.

FIGUEIREDO, C. J. **O uso de estratégias de comunicação em sala de aula de língua inglesa: a interação em foco.**

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. 1996

KRAVISKI, E. R.; BERGMANN, J. **Interculturalidade e motivação na aprendizagem de línguas estrangeiras.** Rev. Intersaberes, PR, vol1 n. 1, p. 78 - 86, jan-jun 2006.

LANTOLF, James, P; THORNE, Steven L. **Sociocultural Theory and Second Language Learning.**

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa.** Acta paul. enferm., São Paulo, v.20, n. 2, p. V-VI, June 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso)>. access on 26 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.

SERRA, Diego Jorge González. **AN INTEGRATING CONCEPTION OF HUMAN MOTIVATION.** Psicol. Estud., Maringá, v. 24, e44183, 2019. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-)

73722019000100217&lng=en&nrm=iso>. access on 12 June 2019. Epub June 10, 2019.

TODOROV, João Cláudio; MOREIRA, Márcio Borges. **O conceito de motivação na psicologia**. Rev. bras. ter. comport. cogn., São Paulo, v. 7, n. 1, p. 119-132, jun. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452005000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 05 dez. 2017.

VYGOTSKY, L.S. **The collected works of L. S. Vygotsky, volume 1: Problems of general psychology**. New York: Plenum Press, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas III - Problemas del desarrollo de la psique**. Trad Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995.

WONG, R. **Carrot or stick? An investigation into motivation orientations in learning English among Hong Kong Chinese students**. RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 71-87, 2010.